

HILDA HILST PEDE CONTATO – CENAS DE FILME

Dead ones, do you live? – movie scenes

Gabriela Greeb¹

Cineasta

"Bom, eu queria pedir para o espaço cósmico, povo cósmico, dar uma interferência hoje, não tem trovoadas...".

(Transcrição Fita 1A)

As cenas a seguir são do filme *Hilda Hilst pede contato* (2018), da diretora Gabriela Greeb, que conta a vida e a obra de Hilda a partir de sua própria voz, extraída do acervo de fitas cassete das experiências de transcomunicação instrumental empreendida pela autora na Casa do Sol entre 1974 e 1979. Hilda buscava, através da captação de ondas do rádio, se comunicar com amigos e escritores já falecidos. Uma publicação homônima organizada pela cineasta (SESI-SP editora, 2018) conta com o storyboard do longa-metragem; a "partitura" do filme (fotos e transcrição do áudio); os depoimentos de alguns dos personagens centrais da vida da escritora; a transcrição das fitas cassete em que estão gravadas as tentativas de conversa com o além; imagens do caderno de anotações de Hilda deste processo de gravação das vozes; e o processo criativo da diretora, que começa com um e-mail enviado por José Mora Fuentes com um convite para rodar um filme sobre a Casa do Sol. Hilda foi interpretada pela atriz Luciana Domschke, a direção de fotografia é de Rui Poças, música de Nicolas Becker e desenho sonoro de Vasco Pimentel. Veja aqui o trailer: <https://vimeo.com/131035117>

OESP

Hilda, qual é o tema mais frequente, qual é a problemática mais constante em toda a sua obra, tanto a poética como a em prosa?

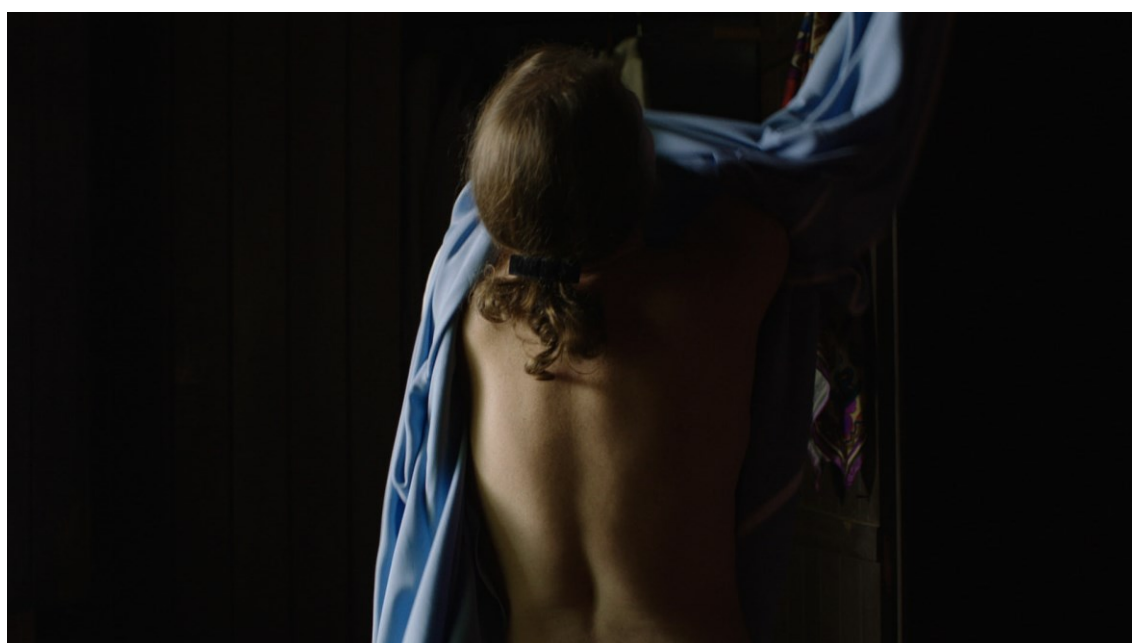
HH

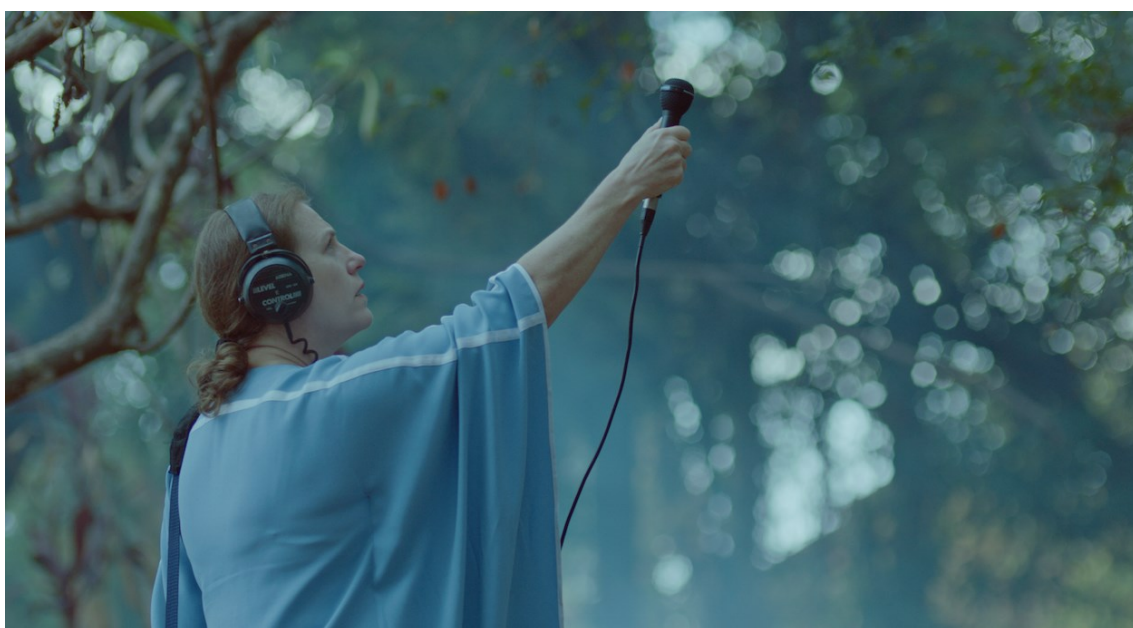
Bem, parece-me que o tema mais constante, o que aparece mais em minha obra, é a problemática da morte. Quero dizer que ela esteve constante, presente, em toda minha poesia, em todos os homens e mulheres, meus personagens; todos eles, em muitos momentos, se perguntam ou meditam sobre a morte. Porque eles não estão conformados. Também eu não estou conformada com esse conceito da maioria das pessoas de que a morte é definitiva, é um acabar completo e, portanto, é um tema, uma preocupação que sei que irá perdurar em minha obra futura, e que vou repetir até a

¹ É autora de trabalhos audiovisuais. Estudou Filosofia no Brasil e na França, onde viveu entre 1989 e 2000, quando passou a se dedicar ao cinema. Realizou o longa metragem *Hilda Hilst pede contato* e livro homônimo, ambos lançados na Flip dedicada à autora, onde participou da abertura com a mesa Performance Sonora ao lado do sound designer português Vasco Pimentel.

exaustão esse tema. É por isso que agora estou fazendo umas experiências incríveis com vozes de gravadores. Não sei se ouviu falar de Friedrich Jürgenson, um sueco que começou essas experiências lá por 1957. Foi seguido por Konstantin Raudive. Não se trata de charlatões nem de espíritas. São homens de ciência, professores de universidades, físicos – Friedbert Karger, do Instituto Max Planck, de Munique; Hans Bender da Universidade de Friburgo; Peter Hale, físico e engenheiro eletrônico; Brendan Macgann, diretor do Instituto de Psicologia de Dublin, e muitos outros. A experiência resume-se no seguinte: durante uma gravação que se faz com textos ou músicas quaisquer, sem escolha prévia, há, em muitos casos, interferências de vozes de pessoas que não estavam presentes durante a gravação. Segundo Friedrich Jürgenson, nas inúmeras gravações que realizou, ele conseguiu reconhecer as vozes de cerca de cinquenta amigos seus que já haviam morrido. É algo fascinante, e amadores estão se dedicando a isso. Estou fazendo essas experiências há cerca de um ano e já consegui algumas interferências de vozes desconhecidas. Algumas são bastante nítidas para um ouvido normal; outras são confusas ou muito fracas, sendo necessário um treinamento do ouvido para distingui-las. Desejei contar a você que estou fazendo essas experiências pois creio que, pelo menos para mim ou para aqueles que se dedicam a elas, ou que por elas se interessam, podem fazer mudar o conceito que têm da morte. A falta de informação que se tem sobre esse assunto é enorme e estou muito entusiasmada por isso; tanto que parei por algum tempo um livro que estava escrevendo. Achei que o fato de meu livro demorar para sair não tem muita importância, pois penso que ninguém está desesperado para lê-lo. Mas se falo disso com algumas pessoas ou tento falar, o mais provável é que em troca elas me deem uma camisa de força. Isso para mim não tem muito significado, pois de há muito já estou sendo rotulada de absolutamente delirante por causa de meus textos em prosa. E não me acanho, pois sou como você viu no que eu disse acima, muito bem acompanhada pelas pessoas importantes que estão fazendo essas mesmas experiências com muito mais base técnica e científica.²

² Gonçalves, Delmiro. "O sofrido caminho da criação artística, segundo Hilda Hilst". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 ago. 1975. In: Diniz, Cristiano (org). *Fico besta quando me entendem*. São Paulo: Globo, 2013.









PETROBRAS APRESENTA UMA PRODUÇÃO HOMEDEFILMS

hilda hilst pede contato

Vocês mortos, vivem?

HOMEMDEFILMS apresenta um filme de GABRIELA GREEB com LUCIANA DOMSCHKE fotografia RUI POÇAS fotografia adicional GEORGES DE GENEVRAYE edição KAREN HARLEY música NICOLAS BECKER desenho sonoro VASCO PIMENTEL e NICOLAS BECKER mixagem PEDRO NOIZYMAN e VASCO PIMENTEL som direto RAFAEL ALVES RIBEIRO direção de arte ROBERTO E RENATA SIQUEIRA BUENO projeto gráfico ARTUR LESCHER e MARIANE KLETTENHOFER produção executiva ANDRÉ CANTO e JASMIN PINHO produtora associada JASMIN PINHO produção HOMEDEFILMS direção e roteiro GABRIELA GREEB

PRODUÇÃO

PATROCÍNIO

ARTE

DISTRIBUIÇÃO

REALIZAÇÃO



HOMEMDEFILMS

PETROBRAS

QUANTA POST

ALTS

GOV. DE SÃO PAULO

MOVISION

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA CULTURA

GOVERNO
FEDERAL